

### 5.2.3 Fichamento Sintético

Detalhar as funções ilocutórias (e a elaboração temática correspondente) alcança um alto grau de refinamento. Dependendo da complexidade do texto e dos objetivos almejados com a leitura, cabe mesmo dissecar a exposição linha a linha, conforme já mencionado. Por mais enriquecedoras, e por vezes inescapáveis, que essas análises se mostrem, *é preciso cuidado para que a exploração da microestrutura da exposição não se faça à custa do entendimento do sentido global ali veiculado*. Na verdade, espera-se que a análise detalhada da exposição textual contribua para o entendimento desse sentido global, e não que de alguma forma adie excessivamente ou mesmo inviabilize a compreensão voltada para a totalidade do texto. A divisão das partes do texto e a exibição de suas operações constitutivas não é um fim em si mesmo, mas um recurso metodológico que permite *reconstituir* o sentido tal como configurado no correr da exposição. A fim de garantir que essa reconstituição abranja o sentido global do texto e não se disperse em subdivisões quase intermináveis, propõe-se um terceiro tipo de fichamento, que se deixa identificar pelo acréscimo de uma nova tarefa ao fichamento detalhado. Trata-se do fichamento sintético, cuja marca distintiva é o registro de uma reflexão não mais analítica, e sim *abreviadora*. Os resultados das fichas detalhadas servirão de base para que o leitor formule uma perspectiva concisa acerca da exposição do texto. Essa perspectiva sintética não será produzida aleatoriamente, mas organizada em torno de três núcleos lógicos que permitem repor de modo sucinto o movimento expositivo global do texto. Esses núcleos lógicos são: o problema central, a tese ou posição central e a argumentação. Essas são noções tão gerais que organizam a leitura de praticamente quaisquer textos argumentativos. Afinal de contas, um texto argumentativo sempre é escrito tendo em vista certo estado de coisas de alguma maneira problemático, ou seja, que exige algum tipo de esclarecimento ou elaboração. É esse horizonte temático motivador da própria escrita que deve ser circunscrito como o “problema” a que o texto se dirige. Por vezes, o problema é formulado clara e rigorosamente (tal como no exemplo de Kant, em que o problema está explicitado no próprio título); por vezes, é preciso que o leitor o exprima com cuidado, após analisar vários subproblemas enfrentados no correr da exposição. Em seguida, a tese ou posição é a afirmação ou conjunto de afirmações centrais defendidas pelo texto como algum tipo de resposta a ou opinião justificada sobre o horizonte problemático que motivou a escrita. Às vezes, a tese pode ser capturada como uma sentença; no entanto, é mais comum que a posição defendida no texto seja composta por diferentes subtemas, que devem ser cuidadosamente reconstruídos pela leitura. Por fim, a argumentação, em sentido lato, é o caminho geral construído no decurso da exposição para sustentar a posição ali assumida.

Reforcemos a generalidade desses três núcleos lógicos marcantes do fichamento sintético: um texto argumentativo é escrito porque se reconhece algum tópico passível de discussão (o problema), diante desse tópico assume-se algum tipo geral de posição (ainda que “negativa”, isto é, que suspenda o juízo ou dissolva o problema, por exemplo), e para defender essa posição serve-se de um caminho expositivo particular. O que se propõe como fichamento sintético não é senão organizar a compreensão do texto lido conforme esses três núcleos. Essa é uma maneira (entre outras possíveis, sem dúvida) de garantir uma apreensão voltada para o sentido geral do texto. Com o fichamento detalhado, rompe-se a unidade inicial, buscando-se explicitar as diversas operações que articulam as partes expositivas. Agora, com o fichamento sintético, intenta-se recuperar sinopticamente a unidade expositiva, reconstruindo a exposição em seu caráter global com base nestes três núcleos lógicos: o problema, a tese ou posição e a argumentação.

Concretamente, como se produz um fichamento sintético? Ao findar a reconstrução detalhada do texto em foco (um artigo ou cada capítulo de um livro), acrescentam-se três perguntas básicas ligadas àqueles núcleos lógicos, para cuja resposta o leitor deverá reconstruir sinteticamente todo o movimento expositivo do texto. Essas perguntas são:

- Qual o problema central enfrentado pelo texto?
- Qual a tese/posição proposta pelo texto?
- Qual a argumentação oferecida para sustentar a tese/posição?

Sugere-se que se escreva uma ficha própria para essas questões, a qual deve então ser anexada às fichas detalhadas do texto correspondente. Formulemos um exemplo desse exercício com o trecho de Kant <sup>que</sup> temos empregado neste capítulo. Para fins didáticos, vamos responder às questões-guia do fichamento sintético limitando-nos somente aos quatro parágrafos citados do texto.

Quadro 5.12 – Ficha de estrutura expositiva (nível sintético) para o trecho estudado

---

Ficha de estrutura expositiva – Nível sintético

Texto: “Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento [*Aufklärung*]?” (§§ 1-4)

*Qual o problema central enfrentado pelo texto?*

Definir de maneira precisa o que é o esclarecimento e quais suas condições. Interessa também elucidar quais as causas do estado oposto àquele do esclarecimento, a menoridade.

*Qual a posição proposta pelo texto?*

O texto apresenta como definição do esclarecimento “a saída do homem da menoridade da qual ele é o culpado”, e propõe como sua condição básica o exercício da liberdade. Além disso, o texto sugere que quando não se é esclarecido, se é “menor”, e discute as causas

da menoridade voluntária. Em poucas palavras, trata-se da preguiça e da covardia, as quais levam as pessoas a se submeterem a tutores que, por sua vez, as atemorizam para mantê-las sob jugo. Por fim, insiste-se em que essa situação de menoridade só pode ser mudada lentamente, o que exclui uma revolução política como método para o esclarecimento popular.

*Qual a argumentação oferecida para sustentar a posição?*

Em termos muito gerais, o texto propõe inicialmente uma definição (de “esclarecimento”) e, em seguida, elucida os principais termos aí empregados (“menoridade”, “ser culpado”), o que conduz a uma análise das causas da ausência do esclarecimento e de sua condição fundamental (a liberdade).

---

Note-se que as respostas às questões-guia são narrativas, ao contrário da exploração das partes expositivas no fichamento detalhado, realizada por meio da enumeração de itens em relações de subordinação. Dessa maneira, a produção da ficha sintética compromete o leitor a exercer a narratividade, o que vale como treino para a *escrita* de textos argumentativos. As fichas sintéticas são como “resumos orientados”, por intermédio dos quais o leitor reconstrói sinteticamente o movimento expositivo, reconstrução alicerçada sobre a cuidadosa exploração anterior das partes expositivas do texto. Ao fichar, o leitor acostuma-se então a centrar seu entendimento em torno de três grandes articuladores lógicos que também lhe serão úteis, como veremos, para a produção textual. É por isso que se recomenda, na elaboração das fichas sintéticas, evitar longas citações. O leitor deve se esforçar por formular com as próprias palavras o entendimento global do texto. A ficha sintética marca, por assim dizer, o ápice da reconstrução do sentido em pauta: o texto foi lido, anotado, analisado em suas partes e subpartes, e então o leitor se capacita para exprimir autonomamente o resultado desse lento processo de assimilação. Se se consegue formular de modo rigoroso, por meio de paráfrases cuidadosas (que evitem o plágio), o movimento expositivo global do texto conforme os três grandes articuladores lógicos empregados, então se sedimenta uma apropriação duradoura do sentido lido, com a qual o leitor passa a contar como uma espécie de “instrumento de investigação” ao qual recorre com segurança em discussões variadas acerca dos temas em questão.

### 5.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Concluimos a apresentação das técnicas ligadas aos fichamentos de estrutura expositiva. Almejamos ter deixado clara a centralidade dessa estratégia para a fixação do sentido lido e, de um ponto de vista mais amplo, para a sedimentação em diversos níveis de complexidade de uma base temática e procedimental que constitui uma parte nuclear de todo processo formativo. Centrar a compreensão dos textos na reconstrução da estrutura expositiva torna concreta aquela abertura ao pensar alheio que tanto marca o exercício maduro da leitura. Respeitando a